

# Sayad descarta crise econômica

SÃO PAULO — A tese de que a crise brasileira é de natureza muito mais política do que econômica foi defendida por três especialistas, um dos quais teve e dois ainda têm significativo poder de influência na administração pública federal: o ex-ministro do Planejamento, João Sayad, o assessor informal da Presidência da República e ex-diretor da Caixa Econômica Federal, Miguel Ethel Sobrinho, e o ex-secretário de Agricultura de São Paulo, Gilberto Dupas.

Em uma concorrida palestra promovida pela Sociedade Brasileira de Planejamento Empresarial sobre o tema Novo Brasil: para onde vamos? Sayad manteve uma postura otimista ao garantir: "a crise econômica está resolvida; só falta agora solucionar a crise política".

Sua certeza de que o problema econômico no mínimo está bem encaminhado baseia-se em primeiro lugar no fato de que tanto o Brasil como seus credores já se conscientizaram que não será mais possível ao país continuar remetendo, como fazia até pouco antes da moratória, cerca de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) ao exterior para pagar o serviço da dívida externa.

Ocorreu, segundo ele, uma solução de mercado que a partir de agora será complementada com as medidas ora estudadas pelas partes, como a securitização da dívida, a capitalização dos juros e os bônus de saída. A somatória dessas medidas poderia, disse Sayad, diminuir as remessas brasileiras para apenas 2% do PIB, o que resultaria em uma queda do déficit público de 1,6%.

A redução do déficit seria complementada ainda com certas medidas ora cogitadas para integrar o pacote fiscal do governo, todas no sentido de elevar a carga tributária, propôs o ex-ministro. Mas, como a solução total é de natureza política, insistiu, tudo isso "só poderá ser resolvido plenamente após a promulgação da Constituinte e das eleições para a Presidência da República no próximo ano".

Miguel Ethel Sobrinho — conhecido como íntimo conselheiro de Jorge Murad, secretário particular do presidente Sarney, de quem também é amigo — concorda com a natureza

política da crise nacional, mas sugere como saída para a questão econômica uma política consistente, que combata as causas estruturais da inflação, principalmente o déficit público e a expansão monetária.

Como Sayad, Ethel não considera que seja necessário um novo choque econômico, com congelamento de preços, salários e tarifas, mas defendeu o pacote fiscal, que deveria ser aplicado simultaneamente a um programa nacional de cortes drásticos nas despesas de custeio do governo à diminuição da expansão monetária.

Um novo congelamento só serviria para retrainir ainda mais os investimentos, alertou Ethel, defendendo também medidas que garantam o crescimento da poupança nacional e fortaleçam a democracia. Essa também foi a tônica do pronunciamento de Gilberto Dupas, economista e homem de confiança do ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Dupas teme que a recessão atue de forma inversa à que na crise de 81/83 levou o país à fase de transição democrática, ou seja, promovendo desta vez um retorno ao autoritarismo.

-2 DEZ 1987